

COUNTERPARTS / CONTRA-PARTES

Brandon LaBelle

They spend every afternoon having a beer at the kiosk across the street – this hour becomes a small ritual, with the late heat of the day and the cold beer inspiring conversation.

Speaking through gestures, sharing communications not solely as words, but as embodied movements that carry with them the intractable tracings of cultural history: cooking, cleaning, collecting, building, traversing city streets and sharing symbols, all come to embody, through a loose and enveloping signification that should be read accordingly, the differences that language – may, at times – suppress or pass over in favor of a firmness of meaning or its total loss. In this way, we set about, by being vulnerable and unsure, ambitious and hopeful, to coalesce fragments of knowledge in discovering how cities and bodies relate: from collecting garbage to learning how to cook, from meeting with city officials to networking multiple digital nodes, the question of locality was brought forward not as an accepted culture, but as an interlacing of varied practices and productions, hesitations and mumblings. Systems of urban infrastructures, vehicles for unofficial recycling, over-writing historical fact with city legend, the tracing

Eles passam todas as tardes tomando cerveja num quiosque do outro lado da rua – esta hora se torna um pequeno ritual, com o calor do fim do dia e a cerveja gelada inspirando conversa.

Falando por gestos, partilhando comunicações não somente em palavras, mas como movimentos corporificados que trazem consigo os indelévels traços da história cultural: cozinhar, fazer a limpeza, coletar, construir, atravessar as ruas da cidade e partilhar símbolos, tudo vem dar corpo, através de uma significação aberta e também cifradora, que deve ser lida de acordo com as diferenças que a linguagem pode, às vezes, suprimir ou passar adiante em favor de uma firmeza de significado ou de sua total perda. Desta forma, iniciamos, sendo vulneráveis e inseguros, ambiciosos e esperançosos, a reunir fragmentos de conhecimento na descoberta de como as cidades e os corpos se relacionam: da coleta de lixo ao aprendizado da culinária, do encontro com representantes oficiais da cidade ao relacionamento em rede com múlti-

plos nódulos digitais, a questão da localidade foi trazida não como uma cultura consolidada, mas como o entrelaçamento de práticas variadas e produções, hesitações e murmurejares. Sistemas de infra-estrutura urbana, veículos para reciclagem não oficial, sobrescrevendo o fato histórico com a lenda da cidade, o traçar de casas invisíveis dentro de cada casa e a canalização de entradas e saídas como uma promessa de network, tais foram os ingredientes com os quais a fabricação e a extensão de uma exibição de arte teve lugar.

Surface Tension_Curitiba aconteceu na Galeria Ybakatu em Curitiba, Brasil, em Janeiro de 2006 e foi o resultado de colaborações entre Octavio Camargo, Ken Erlich, Brandon LaBelle e Guilherme Soares. O que surgiu foram instâncias de coleta de informações, fazendo observações, partilhando e discutindo pontos de vista, edificando e construindo forma e, por último, tentando tornar efetivo um conjunto de negociações com o que é possível alcançar: perspectivas individuais estavam implicadas no momento do projeto,

of invisible homes inside every home, and the channelling of input and output as the promise of networking – such were the ingredients by which the fabrication and the extension of an art exhibition took place.

Surface Tension_Curitiba was held at Ybakatu gallery in Curitiba, Brazil, January 2006 and was the result of collaborations between Octávio Camargo, Ken Ehrlich, Brandon LaBelle, and Guilherme Soares. What surfaced were instances of gathering information, making observations, sharing and arguing viewpoint, building and constructing form, and ultimately, attempting to realize a set of negotiations with what is possible to achieve: individual perspective was implicated within the momentum of the project, as embodied research with a view toward allowing the environment to impress itself upon the motivations and ambitions of making collective work.

What does it mean to desire *rapport* with location, as central to the making of artistic work?

The exhibition was built from an interest, an impulse, to make connections. What surfaced, in the realization, in the actual meeting, were a series of engagements that in turn brought forward disparities and disjunctions: I came from Copenhagen, Ken came from Los Angeles, Guilherme and Octávio came from Curitiba, and the gallery functioned as a space for interacting.

The afternoon sun rests on the windowsill, he drinks water from a glass, and his girlfriend smiles; what the hell is happening the other thinks, as the smell of flowers flow through from the kitchen back door, ajar to the summer heat now in January. Where is this going he again wonders... And yet he knows, that this is what he wanted – the friction, the place of negotiation, the uncertainty and the doubt... This is generally about nothing else but the meeting, the possibility (or what Ines also mentioned to him the other day, in Berlin, with another summer heat (years later) falling from the sky in anticipated rain) – how might we locate a sense of political subjectivity in this disparate geography of cultural production?

como pesquisa materializada com um olhar em direção a permitir ao ambiente imprimir-se sobre as motivações e ambições da feitura de um trabalho coletivo.

O que significa o desejo de *rapport* com a localidade, como central à feitura de um trabalho artístico?

A exibição foi construída a partir de um interesse, um impulso, de fazer conexões. O que surgiu como superfície, na execução, no encontro concreto, foi uma série de comprometimentos que, por sua vez, movimentaram disparidades e disjunções: Eu vim de Copenhagen, Ken veio de Los Angeles, Guilherme e Octavio vieram de Curitiba, e a galeria funcionou como um espaço para interação.

O sol da tarde descansa sobre o parapeito da janela, ele toma água de um copo e sua namorada sorri: que diabos está acontecendo? O outro pensa, como o cheiro das flores flui através da porta dos fundos da cozinha, entreaberta ao calor do verão em Janeiro. Aonde isto vai dar? Ele novamente pensa ... E ainda sabe que isto era o

que ele queria – a fricção, o lugar de negociação, a incerteza e a dúvida... Isto geralmente não é sobre nada além do encontro, a possibilidade (ou aquilo que Ines também lhe mencionara outro dia, em Berlim, com outro calor de verão (anos mais tarde) caindo do céu em chuva antecipada) – como poderí-a-mos localizar um sentido de subjetividade política nesta geografia díspar de produção cultural?

A História de um Carrinho

A cidade significa e desconstrói significados; ela é legível e antagonista ao léxico. Ela promove participação e divide de acordo com fronteiras insuperáveis; ela é puro ritmo e seu último pulso. Uma cidade é cheia de corpos e uma série de sistemas relacionados. Engajar a cidade, dentro do contexto de uma investigação artística, é confrontar tal arranjo de informações e intenções, culturas e pessoas, alinhadas e entrecruzadas através de fronteiras imaginárias e reais, históricas e transitórias. É para, por sua vez, encontrar-se entrepasto em um conjunto igual-

A story of a cart

The city is meaningful, and disruptive of meaning; it is legible, and antagonistic to lexicon. It promotes participation, and divides according to insurmountable borders; it is pure rhythm, and its ultimate fraying. The city is full of bodies and a series of related systems. To engage the city, within the context of an artistic investigation, is to confront such an array of information and tensions, cultures and people, aligned and intersecting across borders imaginary and real, historical and transitory. It is to in turn find oneself intertwined in an equally diverse set of conversations and negotiations, contradictions and uncertainties, especially when it comes to slipping over the lines of demographic barriers, cultural values, shared language.

Richard Sennett identifies the city as the ultimate site of diversity and the intertwining of differences. Maybe we are here to discover and promote the ultimate expression of this... to live it out, as an articulation or the beginnings of a political subjectivity defined alongside the contemporary problematics of politics in general – particularly as the collaboration comes to embody the very tensions between north and south, first and third, as concrete and psychic relations balanced across the further problematics of global capital. He thinks of that book he read by Rene Gabri, which is about many things but at the core it seems is the investigation of the very possibility of being political today – of locating oneself in relation to such extensive challenges. (The other day he went with Ines, Ken, Mathias and Jeremiah to hear Barack Obama speak in Berlin... He walked away completely depressed...)

In deciding to turn the work into a process of interaction and collaboration, the city of Curitiba became both a context and medium – it functioned as the site through which to locate ourselves (as bodies on trial...?). Coming to relate to the city of Curitiba, as participants and as visitors, as searchers and as friends, our focus turned to the existence of unofficial waste collectors in the city. Pulling hand-built carts through its streets in search of recyclable waste, these

mente diverso de diálogos e negociações, contradições e incertezas, especialmente quando se trata de deslizar sobre os contornos das barreiras demográficas, valores culturais, linguagens partilhadas.

Richard Sennett identifica a cidade como o sítio ulterior da diversidade e do entrelaçamento das diferenças. Talvez nós estejamos aqui para descobrir e promover a ulterior expressão disto... para vivenciá-la, como uma articulação de inícios, de uma subjetividade política definida ao longo das problemáticas contemporâneas da política em geral – particularmente quando a colaboração vem a corporificar as mesmas tensões entre norte e sul, primeiro e terceiro, como relações concretas e psíquicas balanceadas através das problemáticas últimas do capital global. Ele pensa sobre aquele livro que lera de Rene Gabri, o qual trata de muitas coisas, mas no cerne parece ser a investigação da própria possibilidade de ser político hoje em dia – de localizar a si mesmo em relação a tão extensos desafios. (Outro dia ele foi com Ines, Ken, Mathias e Jeremiah ouvir Barack Obama falar em Berlim

... Ele foi embora completamente deprimido ...)

Ao decidir tornar o trabalho em processo de interação e colaboração, a cidade de Curitiba tornou-se ambos, um contexto e um meio – ela funcionou como o sítio através do qual nos localizáramos (como corpos em um julgamento ...?). Vindos a nos relacionarmos com a cidade de Curitiba, como participantes e como visitantes, como pesquisadores e como amigos, nosso foco direcionou-se à existência de catadores de lixo não oficiais na cidade. Puxando carrinhos construídos à mão através das ruas na procura de lixo reciclável. Estes catadores de maneira não oficial fornecem à cidade uma força vital de trabalho: os catadores servem a um programa pré-existente de reciclagem (promovido pela cidade como um exemplo de suas diretrizes urbanas) emprestando-lhe uma adição complexa e complicada, a da troca injusta. Pois os catadores contam com o lixo da cidade como uma economia pirata, e a cidade, por sua vez, conta com os catadores, adotando a sua pobreza como uma fonte radical de eficiência: os catadores estão lá, todos os dias, serpen-

collectors unofficially supply the city with a vital labor force: the collectors serve an existing recycling program (promoted by the city as exemplary of its overall urban vision) by lending to it a complicated and complex addition, that of uneven exchange. For the collectors rely upon the city's waste, as a pirate economy, and the city in turn relies upon the collectors, adopting their poverty as a radical source of efficiency: the collectors are there, every day, swarming through the streets, shadowing the official collectors and their trucks, hoping to get there first... Such an exchange invisibly disrupts the existing system of city management by making visible, through the provocation of the cart on the city street, its own unspoken condition: the cart is both a familiar object as well as a symbol of suppressed poverty. (To name this condition though is to enter a field of the political, which from this vantage point is difficult to name: it is difficult because it implies or presupposes or requires the performative nature of naming – it is to condition the very terms by which description may take place, and by which relations may be formed, in and of themselves. To call the cart and those who push it by name is to already inaugurate or to overlay meaning where it will always fall short, where it is already more than the name itself... How might I know what meanings the cart really contains?) While the political is embedded already within the artistic work (and already also within this text, as a descriptive movement from afar, as an attempt, as a question) it is on the surface of the work's own performance that we might allow a debate around naming to take place – might the cart as a material form, as a sign, then become a site for discussion? This is what he begins to wonder as they visit a house in the city – a woman lives here in the midst of so much trash and shit, punctuated with chickens and a heap of cats, it is hard to distinguish a proper domestic form... To perform, by way of implicating one's own presence, in and against the performance of the city and its related systems... here is where the cart enters, as a vehicle that supplies the investigation with its own medium, its own curiosity, and its own poetics, as a transformative object: to ap-

teando pelas ruas da cidade, lançando sombra à coleta oficial e seus caminhões, esperando chegar lá primeiro... Tal troca invisivelmente rui o sistema existente de administração da cidade tornando visível, através da provocação do carrinho nas ruas da cidade, sua condição não expressa: o carrinho é ao mesmo tempo um objeto familiar tanto quanto um símbolo de pobreza reprimida. (Dar nome a esta condição, no entanto, significa entrar no campo da política, que deste ponto de vista é difícil nominar: é difícil porque implica ou pressupõe ou requer a natureza performativa de nominar – é para condicionar os próprios termos pelos quais a descrição pode tomar lugar, e através da qual relações podem ser formadas dentro e por si mesmas. Chamar o carrinho e aqueles que o puxam por um nome já é inaugurar ou sobrepor significado onde ele sempre será falho, onde ele já é mais do que o nome em si... Como posso eu saber quais significados o carrinho realmente contém?) Enquanto o político está embutido num trabalho artístico (e já também dentro deste texto, como um movimento descritivo de longe, como

uma tentativa, como uma questão) é na superfície da performance do próprio trabalho que nos podemos permitir que aconteça um debate sobre a nomenclatura – pode o carrinho, como uma forma material, como um signo, então tornar-se um sítio para discussão? Isto é o que ele começa a pensar enquanto visitam uma casa na cidade – uma mulher mora lá, no meio de tanto lixo e merda, cercada por galinhas e uma matilha de gatos, é difícil distinguir uma forma propriamente doméstica... Agir de forma a implicar a própria presença em e contra o agir da cidade e seus sistemas relacionados... Aqui é onde o carrinho entra, como um veículo que supre a investigação com seu próprio meio, sua própria curiosidade, sua própria poética, como um objeto transformativo: apropriar-se do carrinho como um veículo que literalmente corta através da cidade e trás ao primeiro plano os mesmos sistemas urbanos e sociais que parcialmente definem os corpos.

9 tábuas de madeira (3 cm de largura x 3 m de comprimento x 1 cm de espessura)

appropriate the cart as a vehicle that literally cuts across the city and brings forward the very urban and social systems that partially define bodies.

9 planks of wood (roughly 3 cm wide x 3 meters long x 1 cm thick)
4 planks of wood (roughly 4 cm wide x 3 meters long x 1.5 cm thick)
1 sheet of plywood (roughly 1.5 meters wide x 2.5 meters long x .5 cm thick)
1 cylindrical wood pole
1 constructed axle with 2 bicycle wheels
screws and bolts

They drive to a nearby shop to buy wood, various parts, supplies. He tries to imagine how this will work, what tools they might need, where this is leading them... The heat is everywhere, time slips on...

In relation to the existing garbage carts pulled by the unofficial waste collectors, we constructed an additional cart. Working with a local bicycle maker and repairman, an axle was constructed using two existing axles taken from bicycles, adopting one of the various methods used by the unofficial collectors – over time the axle might be said to unravel and appear as a metaphor for them, the core of the action, the active part of the work itself; it becomes the material form around which many hands are laid, to toil, to craft, to stage a form of local knowledge and production. The axle is already the location where they begin to interact... and importantly, where the meeting between what they begin to think as the formal and the informal takes place. (He called Octávio on the phone the other day to hear about his meetings with Acir Pereira, a builder of carts in Curitiba... and Octávio mentioned how the current candidate for Mayor is proposing to supply motored vehicles to the collectors – and they recognize this as a further point along the threading of city planning and informal usage, between formal poli-

4 tábuas de madeira (4 cm de largura x 3 m de comprimento x 1,5cm de espessura)
1 prancha de aglomerado (1,5 m de largura x 2,5 m de comprimento x 5cm de espessura)
1 puxador de madeira
1 eixo construído com duas rodas de bicicleta
Parafusos e roscas

Eles vão a um mercado próximo para comprar madeira, partes variadas e outros suprimentos. Ele tenta imaginar como isto vai funcionar, que ferramentas eles podem precisar, onde isto os levará... O calor está em todos os lugares, o tempo desliza adiante...

Em analogia aos carrinhos de lixo existentes puxados pelos catadores não oficiais, nós construímos um carrinho adicional. Trabalhando com um reparador de bicicletas da cidade, um eixo foi construído adaptando dois cubos de pedal de bicicleta, adotando um dos vários métodos utilizados pelos catadores não oficiais – com o tempo o eixo poderia ser tido como exprimindo e aparecendo como

uma metáfora para eles, o núcleo da ação, a parte ativa do trabalho em si mesmo; ele se torna a forma material através da qual muitas mãos são postas, para moldar, para confeccionar, para encenar uma forma de conhecimento local e produção. O eixo já é a localidade onde eles começam a interagir... e principalmente, onde ocorre o encontro entre o que de início pensaram como formal e informal. (Ele telefonou para Octávio outro dia para ouvir sobre o encontro com Acir Pereira, um construtor de carrinhos em Curitiba... e Octávio mencionou o boato de que um dos candidatos a Prefeitura estaria propondo fornecer carrinhos motorizados aos catadores – e eles reconheceram nisto um ponto adiante nos obstáculos do planejamento da cidade e do uso informal, entre políticas formais e seus contornos rugosos...) Enquanto os carrinhos existentes são construídos com partes de metal (normalmente utilizados na construção de lixeiras que se encontram do lado de fora das casas da cidade – bandejas estáticas sobre as quais os residentes colocam o lixo para a coleta) nós construímos o nosso de madeira, expan-

cy and its frayed edges...) While the existing carts are built from steel parts (normally used for the construction of garbage racks found outside homes throughout the city – stationary vessels residents place their garbage on for collecting) we built ours from wood, expanding the cart's usual proportions, and adding various details in contrast to the existing carts. Through such material and design our cart functioned as a slippage, a shadow or alien inserted into the existing vocabulary of the carts, an invader onto the streets of a city acclimated to the normalized display of the metal carts and related labor. Such difference was furthered by the appearance of our white bodies and middle-class presence pulling, through public squares and residential streets, a cart strangely familiar and yet out of place, out of sync with the rhythms defining the city. A topographical appendage, a slippery sign, an appropriated object turned symbol.

The cart is placed in the front lawn of the gallery, upon a residential street within the city, and taken out daily for the collection of discarded wood. Discarded wood comes to serve two opportunities, to collect material for the construction of a table needed for the opening of the exhibition (and its related cooking event), and to navigate the city according to a logic by which the unofficial waste collectors exist. To trace the circuits and the routes charted by this existing culture, and in doing so, to learn their movements, to rub up against their existence, their spaces, and to cut across the meeting of body and street locked into an economical exchange. He feels unsure, out of place... and he knows this is necessary, it has to be like this. The movements of collecting trash and feeding it into a mechanism of recycling performs according to a transformative process, in which materiality and labor generate their own symbolic systems: the collectors themselves are depicted by various Christian groups as angels, messengers from the skies whose movements through the garbage of the city turn poverty into a vague form of sainthood. Might such depictions mask the concrete intensity of what it means to live in the midst of garbage while also leading out toward a potential language of transformation? He wonders

dindo as proporções comuns dos carrinhos e adicionando vários detalhes em contraste aos carrinhos existentes. Através destes materiais e design nosso carrinho funcionou como uma alegoria, uma sombra ou alienígena inserido num vocabulário existente de carrinhos, um invasor das ruas da cidade acostumada ao display normalizado de carrinhos de metal e de seu trabalho adjunto. Essa diferença foi ampliada pela presença de nossos corpos leitosos classe média e puxando, pelas praças públicas e ruas residenciais, um carrinho estranhamente familiar e, ainda, fora de lugar, fora de sync com os ritmos que definem a cidade. Um apêndice topográfico, um signo de pauperado, um objeto apropriado tornado símbolo.

O carrinho é colocado no jardim da frente da galeria, numa rua residencial na cidade, e levado diariamente para a coleta de madeira descartada. A madeira veio servir a duas oportunidades, coletar material para a construção de uma mesa necessária para a abertura da exposição (assim como o evento de culinária a ela relacionado), e navegar a cidade de acordo com a lógica pela qual os

catadores não oficiais existem. Traçar os circuitos e as rotas mapeadas por esta cultura existente, e ao fazer isso, aprender seus movimentos, recordar sua existência, seus espaços, e cortar através do significado de corpo e rua fechado em uma troca econômica. Ele se sente inseguro, deslocado, e ele sabe que isto é necessário, que tem que ser assim. Os movimentos de coletar lixo e usá-lo como insumo em um mecanismo de reciclagem se realiza de acordo a um processo transformativo no qual a materialidade e o trabalho geram seus próprios sistemas simbólicos: os catadores eles mesmos são vistos por alguns grupos religiosos como anjos, mensageiros dos céus cujos movimentos pelo lixo da cidade transformam a pobreza num vago tipo de santidade. Podem estes recortes mascarar a intensidade concreta do que significa viver no meio do lixo e ao mesmo tempo conduzir-nos em direção a uma potencial linguagem de transformação? Ele pensa enquanto para na frente de um homem contratado pela cidade para limpar as ruas, cujos olhos azuis abertos parecem sorrir com uma profundidade simples e

this while standing in front of a man hired by the city to clean the streets, whose blue eyes catch his own and seem to smile from a complicated and simple depth – he tugs at Octávio’s arm and says, “he looks like an angel...”

He thinks of Michael Taussig’s book *The Magic of the State*, a text that exposes such things as the “market” or the “city” as imbued with ghostly manners – how the State comes to function as an apparition or mythology, gaining its partial power from psychic relations. Yet, in turn, he thinks of this book as signalling that such magic is also an exchange, supplying individuals and collective circles with means for counter-magic, the production of mythologies and fantasies designed to find openings, cracks and fissures in the systems of the State, a kind of generative and provocative weave echoed in the mixture of fact and fiction, reality and imagination that seems to also mark the narrative productions of the cart (and which Guilherme tries to further contour by agitating the surface of the symbolic, to embody the tension – to conduct a collective ritual for undoing assumptions, troubling the afternoon with necessary energies that supplement their pursuit of the real with open channels).

How do bodies come to live through given infrastructures? In what way do urban systems of management perform in relation to their own appropriation or disruption? What are the dialogues taking place between formal governance and informal use, between structures of planned economy and their mutational pirate counterparts?

Counterparts

While social relations might be said to manifest in spatial form, the movements of those relations are fed through infrastructure, for infrastructure comes to make possible the availability of resource, lending to the choreographies of social relations and their subsequent ability to take root, plant themselves, and rise up in spatial form. Infrastructure is the reach of an ur-

complexa – ele toca no braço de Octavio e diz, ele parece um anjo...

Ele pensa no livro de Michael Taussig: *A Mágica do Estado*, um texto que expõe “o mercado” ou “a cidade” como entidades imbuídas de aspectos fantasmáticos – o Estado funciona como aparição ou mitologia, ganhando seu poder parcial de relações psíquicas. Ainda, por sua vez, ele pensa que este livro esta sinalizando que tal mágica é também uma troca, fornecendo aos indivíduos e círculos coletivos os instrumentos para a contra magia, a produção de mitologias e fantasias desenhada para encontrar aberturas, quebras e fissuras nos sistemas do estado, um tipo de trama geradora e provocativa ecoando na mistura entre fato e ficção, realidade e imaginação parecem também marcar as produções narrativas do carrinho (À qual Guilherme expande o contorno agitando a superfície do simbólico, para corporificar a tensão – para conduzir um ritual coletivo de desfazer convicções, movimentando a tarde com as energias necessárias que suplementavam suas buscas do real com canais abertos)

Como os corpos vivem através de infra-estruturas dadas? De que maneira os sistemas de gerenciamento urbano agem em relação a suas apropriações e rupturas? Quais são os diálogos que estão acontecendo entre o governo formal e a prática informal, entre as estruturas planejadas da economia e suas contrapartes mutacionais e piratas?

Contrapartes

Enquanto as relações sociais podem ser descritas como manifestas em forma espacial, os movimentos destas relações são alimentados através da infra-estrutura, pois ela torna possível a disponibilidade do recurso, emprestando às coreografias das relações sociais e sua subsequente habilidade em pegarem raízes, de plantaremse, e crescerem em forma espacial. Infra-estrutura é o objetivo de uma política urbana ou governamental construída através de vidas individuais, devendo-se a formação de grupos sociais e comunidades, de vizinhanças e de seus limites, e sobre o que o Ken falou outro dia – a questão da distribuição. A quem é dado acesso à infra-estrutu-

ban or governmental policy laced through individual lives, lending to the formation of social groups and communities, of neighbourhoods and their limits, and to what Ken spoke about the other day – the question of sharing. Who is given access to infrastructure and who is not? What part of the city is threaded with energy and resource and what part is left to its own devices? Where do formal and informal structures meet and gain definition through and against the other? (The carts themselves started as a proposal by the city to have the residents of the favelas, which were inaccessible to garbage trucks, to gather their own garbage and deliver it to nearby dumps and recycling plants in exchange for produce or transportation vouchers. In the end, this turned into an opportunity, resulting into an expanded and organized supplemental form of collection, and subsequent economy...)

The circulation of garbage, as the by-product of modes of consumption, and its ultimate disposal, and then taken up, in a mechanics of recycling, through a related labor of bodies and money, points to the intersection of infrastructures and their counterparts – that of an inserted black economy, an additional mechanics and labor, performing inside and outside of governance, as rituals both appropriative and abusive. The garbage spills from its container, coming into view outside the vessels of maintenance, becoming a horizon of other meanings, that of raw material for a future consumption. It is picked up, put into the cart, brought back to the favelas, processed through an array of mechanical devices, delivered for the exchange of money, to supply the larger organization of bosses and the distribution of housing to the unofficial collectors, and further, back into the urban fabric and its ongoing infrastructural proposal. (Curitiba is already a city focusing on social and environmental issues. Since the 1970s it has maintained highly active policies to promote and sustain recycling, to improve and establish green spaces, and to educate on environmental issues and provide subsequent benefits to the less-fortunate.) He thinks of Marjetica Potrc, and her work, and when he saw her speak in Copenhagen – she

ra e a quem não é dado acesso? Qual parte da cidade é equi-pada com energia e recursos e qual é abandonada a seus próprios meios? Onde as estruturas formais e informais se encontram e ganham definição uma contra a outra? (Os carrinheiros iniciaram como uma proposta da cidade de ter os residentes das favelas, que estavam inacessíveis ao caminhão da coleta de lixo, a pegar seu próprio lixo e encaminhar a um depósito próximo e trocar por vales transporte e refeição. Ao final, isto se tornou numa oportunidade, resultando numa forma suplementar organizada e expandida de coleta, e consequentemente, de economia...)

A circulação do lixo como um subproduto de modos de consumo, e sua disposição última, após ser coletado, em um mecanismo de reciclagem, através de um trabalho associado de corpos e dinheiro, apontam para uma intersecção de infra-estruturas e suas contra-partes – aquela de uma economia marginal inserida, uma mecânica adicional de trabalho, atuando dentro e fora do governo, como rituais ao mesmo tempo de apropriação e

abusivos. O lixo salta para fora das latas, surgindo à vista na orla dos recipientes da manutenção, tornando-se num horizonte para outros significados, aquele da matéria prima para consumo. Ele é apanhado, colocado no carrinho, levado até as favelas, processado através de um conjunto de dispositivos mecânicos, entregue em troca de dinheiro, para alimentar a essa organização mais ampla dos chefes e da distribuição de casas para os catadores não oficiais, e mais além, retornar ao tecido urbano e suas propostas de infra-estrutura correntes. (Curitiba é uma cidade com especial foco nas questões ambientais e sociais. Desde a década de 70, ela mantém políticas ativas na promoção e sustentabilidade da reciclagem, na implementação e estabelecimento de áreas verdes, e na educação em questões ambientais e seus benefícios decorrentes aos menos afortunados).

Ele pensa em Marjetica Potrc, e seu trabalho, e de quando a viu falar em Copenhagen – ela parecia admiravelmente consistente enquanto expunha um campo extenso de pesquisa e da sua sensível produção local. Mas

seemed admirably considerate while maintaining an extensive range of locationally sensitive research and production. But he also wonders, is it enough to linger over questions of spatial form? Octávio mentions the issue of time, and this suddenly appears as an opening, a suggestive idea: given time, the time of the day, our time, what time is the meeting... Might time function as the instance of activating spatial form for interaction, for crossing the line between inside and outside, of turning space into a vehicle? But time also goes too fast – they wonder if they did enough, if the small instances of interaction found on the street had consequence – but he knows such things are often unquantifiable, vague, or meaningful only as time passes.

A series of systems and their bodies

Bodies and their know-how

Locations of embedded practices

Network within network

To return then to this situation, to this work, to write about and to make a text that unravels in and against what took place, brings forward many questions, and an overarching concern that still sits within his thoughts... What comes from such activity? A legacy of artistic practice and projects hovers around the work, where site-specificity and contextual engagement reveal a plethora of inquiry, discourse, example, which no doubt inform everything here. And yet he is here, today, 2008, in a city not his own and yet, it must be, according to the movements of a global inquisitiveness and demand – Obama said something about “global citizenship”... and she took this to heart, thought about it, mentioned it again and again, and then he thought, this is something. Where are we now? Already past this global phrase, already on the side of tomorrow, still full of wonder and concern as to where to plug in, how to find the footing to direct all

ainda ele pensa, será suficiente especular sobre questões da forma espacial? Octavio menciona a questão do tempo, e isto subitamente aparece como uma abertura, uma idéia sugestiva, dado um tempo, a hora do dia, nossa hora, a que horas será o encontro...? Pode o tempo funcionar como uma instancia de ativação da forma espacial para interação, para atravessar a linha entre dentro e fora, para tornar o espaço em um veículo? Mas o tempo corre tão rápido – eles pensam se eles fizeram o suficiente, se as pequenas instâncias de interação encontradas na rua tiveram consequência – mas ele sabe que tais coisas são difíceis de quantificar, vagas ou significativas somente com o passar do tempo.

Uma série de sistemas e seus corpos

Corpos e seu know-how

Locações de práticas embutidas

Network dentro de network

Voltando então a esta situação, a este trabalho, para escrever sobre o tema e fazer um texto que discorre de den-

tro e contra o que aconteceu, traz muitas questões, e uma carga de preocupações que ainda permanecem em seus pensamentos... O que decorre desta atividade? Um legado de práticas artísticas e projetos paira ao redor do trabalho, onde a especificidade local e o engajamento contextual revelam uma pletora de perguntas, discursos, exemplos, que sem dúvida informam sobre tudo. E ainda ele está aqui hoje, em 2008, numa cidade que não é a sua, e ainda, deve ser, de acordo com uma inquisitividade global e – Obama disse alguma coisa sobre cidadania global ... e ela tomou em seu coração, pensou sobre isso, mencionou varias vezes, e então ele pensou, isso é algo! Onde estamos agora? Já passada essa frase global, já do lado de amanhã, ainda cheios de admiração e preocupações em relação a como nos conectarmos, como encontrarmos o passo para direcionar toda esta energia em direção a elaboração de uma possibilidade social. Ele sorri.

Eles atravessam a rua, passam pela panificadora onde estudantes da universidade gritam-lhes alguma coisa, e então surgem as buzinas dos carros rosnando enquan-

this energy toward an elaboration of a social possibility. He smiles.

They cross the street, past the bakery where some students from the University shout something at them, and then there are the car horns honking as people try to pass, or when Margit talked to them in the café over a plate of potatoes, questioning how their project actually functioned – they buy eggs in preparation for the opening event, where they will cook frittatas and serve sparkling wine (how do you say “garlic” in Portuguese?). He meets a man who works for an organization on the question of urban sustainability, and who later sends him details on the history of the city, and links to various social groups working on the issue of the waste collectors, which pile up as a database for future research; he reads about the former Mayor, Jaime Lerner, and his acclaimed urban initiatives beginning in the early 70s and subsequent development of the city’s master plan, which echo an original plan designed by the French planner Alfred Agache in the 1940s – Curitiba becomes an entanglement of cultural histories, languages, and architectures, expressed also in the Polish houses that line certain residential streets built by immigrants (he stops a woman on the street for directions, and she asks him if he can speak Polish).

After days of pulling the cart around, making a pile of wood in the back of the gallery, it is finally left behind. A table is built from the collected wood, turning the city’s trash into a place for visitors to eat, to gather around, a point of contact: the city then reappears, disguised and camouflaged in the form of a table, functioning like the cart as a vehicle for the intersection of various bodies and words, for gathering and condensing, for stitching together an uncertain fabric. She says, “it is an unsteady choreography,” and he likes this phrase because he knows there needs to be more.

to as pessoas passam, ou quando Margit falou com eles num café sobre um tal prato de batatas, questionando sobre como o projeto realmente funcionava – eles compram ovos para preparar a abertura da exposição, onde vão cozinhar *fritattas* e servir vinho espumante (como é que se diz alho em português?). Ele encontra um homem que trabalha para uma organização relacionada à questão da sustentabilidade urbana, e quem depois lhe envia detalhes sobre a história da cidade e o conecta com diversos grupos sociais que trabalham sobre a questão dos catadores de papel, que se empilham como base de dados para futura pesquisa; ele lê sobre o ex-prefeito Jaime Lerner, e suas aclamadas iniciativas urbanas que se iniciaram no início dos anos 70, e o subsequente desenvolvimento do plano-mestre da cidade, que ecoa um plano original desenhado pelo urbanista francês Alfred Agache nos anos 40 – Curitiba se torna um entroncamento de histórias culturais, linguagens e arquiteturas, expressas também pelas casas polonesas que se encontram em certas ruas residenciais construídas por imigrantes (ele

pará uma mulher na rua para pedir direções, e ela pergunta se ele sabe falar polonês).

Após alguns dias puxando o carrinho pela cidade, fazendo uma pilha de madeira nos fundos da galeria, ele finalmente é estacionado. Uma mesa foi construída com a madeira coletada, transformando o lixo da cidade em um lugar para as pessoas comerem, para se juntarem ao redor, um ponto de contato: a cidade então reaparece, despistada e camuflada na forma de uma mesa, funcionando como um carrinho ou veículo para a interseção de vários corpos e palavras, para juntar e condensar, para esticar em conjunto um certo tecido. Ela diz, “é uma coreografia irregular,” e ele gosta desta frase porque sabe que é necessário que haja outras mais.